

[roteiro]

A volta da



prata da casa



“A Prateada”, como é apelidada carinhosamente a Piabanha, já não é mais uma raridade e pode ser encontrada em bom número nas águas de seu hábitat nativo, para a alegria de todos nós, pescadores esportivos. Afinal, é um verdadeiro desafio conseguir embarcá-la

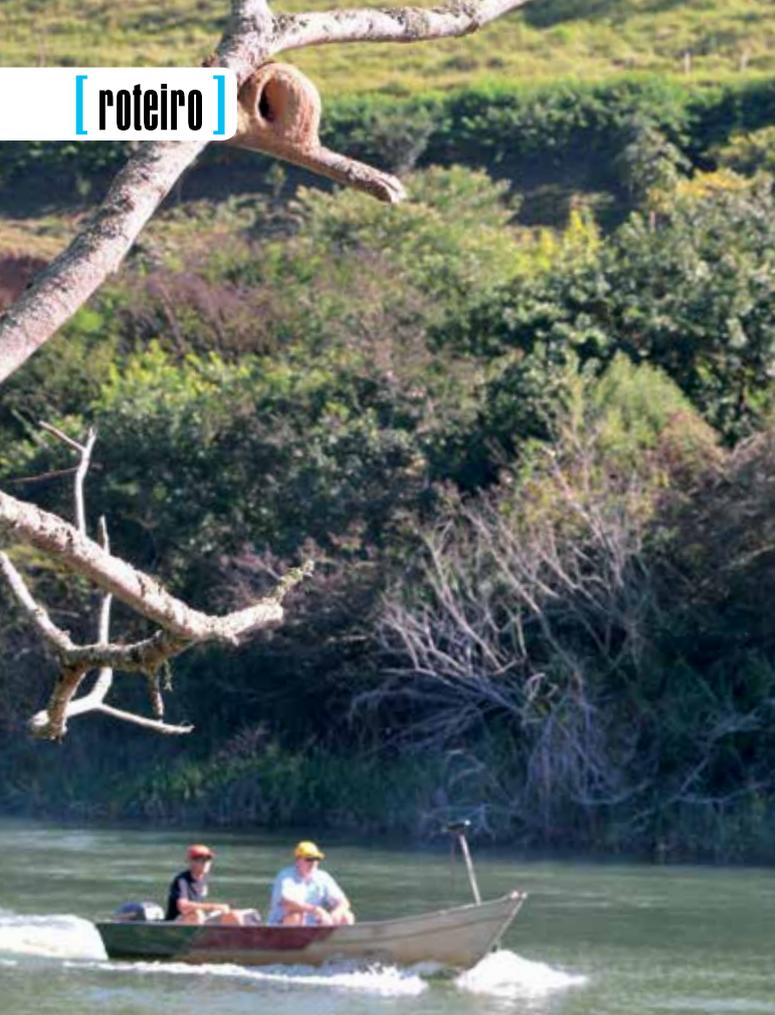
TEXTO: MARCO LIMA | FOTOS: INÁCIO TEIXEIRA

Ela briga muito, ataca nossas iscas com grande voracidade e dá saltos espetaculares para se livrar do engodo, que a incomoda, coisa que quase sempre consegue, o que a torna ainda mais esportiva. Espécie endêmica da bacia do rio Paraíba do Sul, a Piabanha, peixe do gênero *Brycon* — cujo nome científico é *Brycon isignis* —, é muito parecida com sua parente próxima, o Matrinxã (*Brycon amazonicus*), que também tem esse “péssimo hábito” de saltar e se soltar das iscas, aliás, tal e qual a Piraputanga (*Brycon hilarii*). Depois de chegar bem próximo do desaparecimento, como o Surubim-do-paraíba [vide matéria na edição 33], a Piabanha volta a figurar entre as espécies esportivas mais interessantes de serem conquistadas.

Seu nome foi incluído no “Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção”, na categoria CR (*critically endangered*), que indica risco extremo de sumir da natureza. Mas, graças a esforços conjuntos de algumas entidades, principalmente a Cesp (*Companhia Energética de São Paulo*), e ao Plano de Ação Nacional, desenvolvido para conservação de espécies aquáticas ameaçadas

da bacia do rio Paraíba do Sul, está em execução, há alguns anos, um grande projeto que visa reproduzi-la em cativeiro e repovoar os rios dessa que é uma das principais bacias da região Sudeste.

O Paraíba do Sul atravessa uma importante área do Estado de São Paulo, onde forma o vale homônimo, região onde prosperaram, no século 19 e nas primeiras décadas do 20, grandes fazendas cafeeiras e que hoje abriga um número significativo de indústrias, muitas das quais comprometem a qualidade das águas de seu curso e de seus afluentes. Degradado pela poluição, pela destruição das matas ciliares e represado, em alguns pontos, com comprometimento grave de sua biodiversidade, esse rio segue em direção ao Rio de Janeiro, Estado que corta longitudinalmente, por quase toda a extensão e forma a divisa com Minas Gerais, para finalmente desaguar no oceano Atlântico, próximo ao Espírito Santo. Mais importante que o próprio rio, porém, é a sua bacia, desde os seus formadores, o Paraibuna e o Paraitinga, a seus inúmeros afluentes, muitos deles oriundos de Minas, o que gera uma ampla área de abrangência.



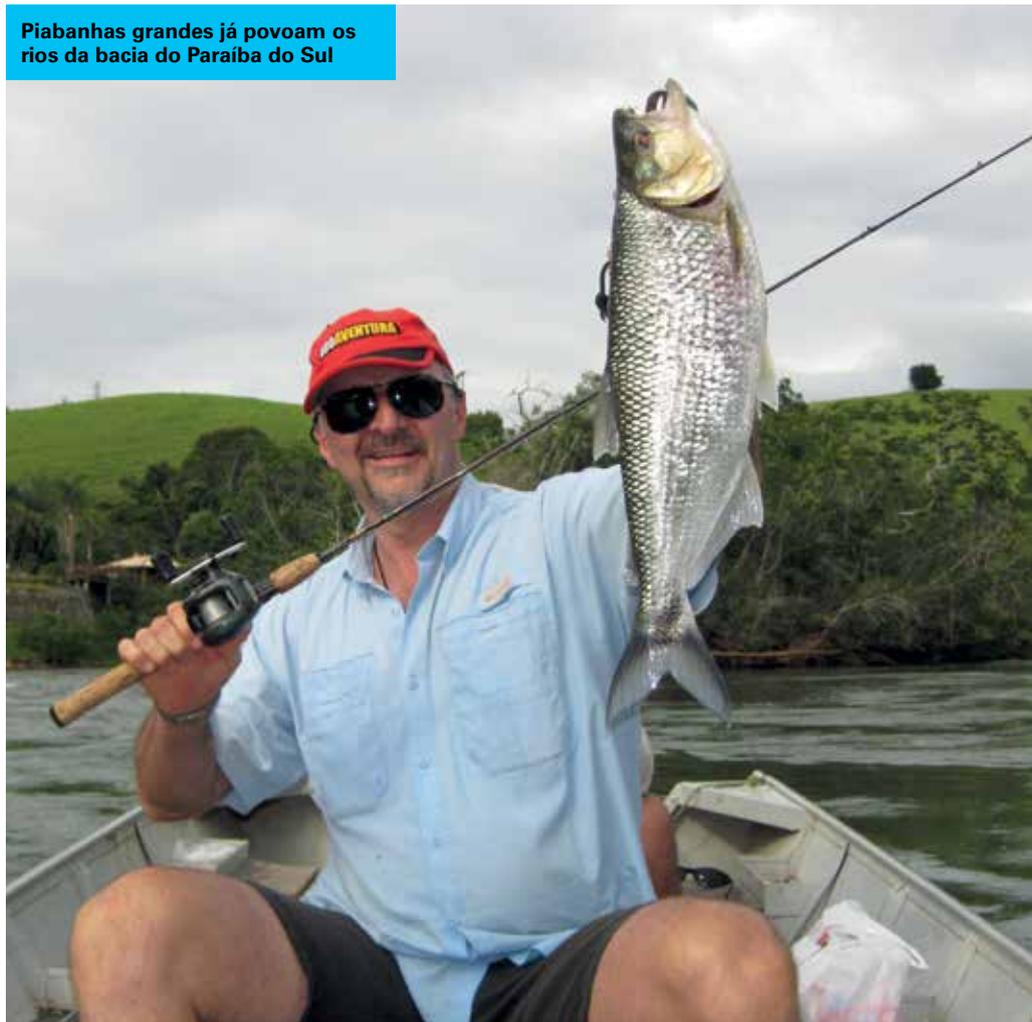
Para subir o rio, a força do motor de popa. Na descida, o elétrico estabiliza o barco, para o arremesso nas águas rápidas



UM SONHO ADIADO

Apesar de já ser considerada rara, há alguns anos, tive notícias de que alguns pescadores esportivos se aventuravam pelas águas do Paraíba do Sul no intento de duelar com “A Prateada” e, desde essa época, já imaginei fazer o mesmo. Porém, me faltavam os meios para isso, e a ideia foi deixada para depois. Passaram-se anos e eu via diminuir cada vez mais minhas possibilidades de conhecer esse belíssimo peixe, pois sabia que a espécie se aproximava da extinção. Mas, para minha felicidade, com a constatação do estado crítico em que se encontravam algumas espécies típicas daquela bacia, uma verdadeira força-tarefa, cujo agente principal foi a unidade de Cesp, instalada na represa de Paraibuna, se organizou e iniciou um sério trabalho de preservação e melhoria das condições de sobrevivência dessas espécies.

Piabanhas grandes já povoam os rios da bacia do Paraíba do Sul



Foi então que comecei a ter notícias de que a população de Piabanhas voltava a aumentar, fruto desse trabalho de reprodução em cativeiro e repovoamento. Os resultados já são bastante expressivos, o que me deixou muito esperançoso de poder pescar esse maravilhoso peixe. Ao fazer amizade com alguns pescadores da região, consegui, finalmente, vislum-

brar a possibilidade de realizar meu sonho. Informados sobre algumas características das Piabanhas, combinamos de ir juntos atrás delas no trecho mais alto do Paraíba do Sul, região de corredeiras e águas rápidas.

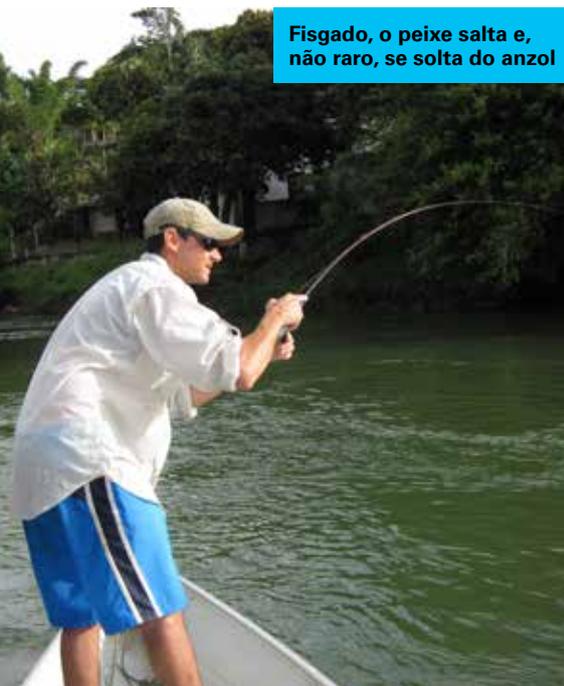
A primeira pescaria foi ótima. Tive várias ações. Perdi muitos peixes, mas também consegui embarcar alguns, in-

clusive de bom porte. O sonho antigo adiado agora era finalmente realizado! Depois desse dia, felizmente, já fiz mais algumas pescarias nesse rio maravilhoso, que precisa ser preservado. O resultado de sempre foi fortes emoções, seja nas capturas, seja nos saltos, e até mesmo nas escapadas, que não deixam de ser espetaculares.

Como se já não bastasse o prazer de fisgar um peixe tão brigador quanto esse, toda condição que envolve essa pescaria é incrível, desafiadora, emocionante e chega quase a ser comparada com um esporte radical, como o *rafting*. Por ser uma espécie que gosta muito de águas agitadas, ela é mais comumente encontrada em trechos de corredeiras. Também é possível encontrá-las em remansos e áreas de curso mais sereno, mas a possibilidade maior de um embate com elas é exatamente ao subir o rio com o barco e descer por esses trechos rápidos e cheios de pedra. Garantia de um maior número de ataques, mas que fique bem claro: ataques, e não necessariamente capturas, porque sempre é bom lembrar que elas têm o hábito de saltar muito e insistentemente e, assim, conseguir se livrar dos anzóis.



O sonho antigo adiado, finalmente realizado



Fisgado, o peixe salta e, não raro, se solta do anzol



Muitas as Piabanhas figadas, mas apenas algumas foram embarcadas

O FUROR DA CORRENTEZA

Nos trechos de corredeira, o rio tem muitas pedras e não é tão fundo. Com um barco e um motor de popa de 15Hp, subimos até um ponto, onde desligamos o motor. Iniciamos a descida, com apoio do motor elétrico, para segurar e estabilizar a embarcação, enquanto arremessávamos, em meio à descida. Em vários pontos, porém, para atravessarmos a forte correnteza, em meio às pedras do leito do rio, fomos obrigados a ligar novamente o motor de popa, pois o elétrico não daria conta da estabilidade, e o barco poderia ser arremessado contra as pedras ou emborcar. Momentos de grande adrenalina! Vencido o trecho mais violento, o de popa era silenciado e voltava a entrar em ação o motor elétrico. E retomávamos os arremessos. Vale ressaltar que, para tudo isso, foi muito importante a companhia de alguém da região, que conhecia bem o rio, suas pedras e suas inúmeras corredeiras, como é o caso do nosso grande amigo e parceiro para essas empreitadas Rodolfo Faustino, o Toto, que, além de ser natural da cidade que beira o rio, é bombeiro e sabe executar os procedimentos de primeiros socorros e salvamento. Extremamente prestativo, ele também é um apaixonado por pesca esportiva.

Como é muito comum a várias espécies, a Piabanha procura evitar gasto desnecessário de energia: na correnteza, fica em áreas de refluxo perto de pedras, troncos, bicos de ilhas e outras estruturas, ou mesmo em locais de remanso bem próximos às corredeiras, mas que permitam que se mantenha tranquila. Peixe predador, ela sai rapidamente dessa zona de conforto apenas para os ataques certos a espécimes menores, frutos, insetos, pequenos répteis e qualquer coisa que aguçar ainda mais seu apetite voraz. Isso mesmo: “as Prateadas” são



Hora de admirar a oponente não só pela beleza, mas também pela valentia



O bombeiro Rodolfo Faustino é velho conhecedor das águas do Paraíba



Para poder soltar o peixe em boas condições, sem a boca partida, deve-se tomar cuidado, ao usar o *boga grip*



onívoras, ou seja, alimentam-se de quase tudo. Assim, são certos seus ataques a pequenos plugues de meia-água, tanto os de barbeta curta quando os de mais longa, em trechos do rio onde a profundidade permita, *spinners* e outras iscas de tamanho menor que vibrem bastante. A estreiteza daquele trecho de rio nos obrigou a utilizar varas curtas e de ação de média a lenta. A linha fina pode ser multifilamento, mas, particularmente, prefiro as de fluorcarbono. A força da correnteza não nos permitiu usar muito iscas de superfície. Mas, se tentarmos, elas certamente as atacam, não só pela sua agressividade característica, mas também porque é muito comum vê-las abocanhar insetos e pequenas flores na superfície da água.

Por ser um peixe que se debate muito, é importante evitar o uso de alicates de contenção (*boga grip*), se usá-lo, faça-o com muito cuidado para não partir a boca do espécime. É dispensável alertar o quanto

é importante pescar, fotografar e devolver às águas esse maravilhoso oponente, nossa "prata da casa", que deve sempre ser preservado para evitar que volte a figurar na lista dos animais em extinção.

DESAFIO NO FLY

Para quem quer viver essa delícia de pescaria, na pesca de *fly*, os equipamentos indicados são de #4 a #6; linhas *wf-floating* e *sinking*; moscas: *streamers* que imitem pequenos peixes forrageiros, atados na parte traseira a partir do *gap* do anzol e mais curtos em seu comprimento total, já que as Piabanhas, como as Tabaranas, atacam mais a cauda da isca e, assim, mais fisgadas são garantidas; e *dry flies* (moscas secas), tipo *chernobil ants* e variações, para uso na superfície. Todavia muitas outras moscas podem ser tentadas com sucesso. Os anzóis podem ser 1/0. Dependendo da transparência da água, convém usar um pequeno empate de aço flexível ou fluorcarbono para evitar que os dentes da Piabanha cortem a linha. Eventualmente, vale mais a pena não usar empate e garantir mais ataques do arisco peixe. 



Tralhas & Cia
comemora
14 anos
de mercado
expandindo sua
abrangência para
atender melhor
seus clientes.
Conheça a mais
nova e moderna
loja virtual
do País!



acesse
www.tralhasecia.com.br
e confira nossas
promoções de inauguração!

Tralhas & Cia. pesca e lazer
fone: (11) 2441-0878
www.tralhasecia.com.br